TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

PT: sair da bolha e bater mais forte no bolsonarismo

A avaliação na cúpula do PT é de que o partido tem que sair da bolha esquerdista no segundo turno das eleições, mas não pode de forma alguma arrefecer nos ataques ao bolsonarismo.

Pelo contrário, a ordem é bater duro para mostrar àqueles eleitores de centro-direita que optaram por Flávio Bolsonaro que eles não levaram em conta o que os petistas chamam de "o perigo da extrema-direita".

A ideia é aprofundar o discurso iniciado por Lula no primeiro turno, de que a eleição é uma disputa da civilização contra a barbárie bolsonarista.

Mas a diferença agora será deixar claro que o PT não é proprietário desse conceito de "civilização". Que Lula entende que "todas as correntes democráticas" são civilizatórias. Lembrar cenas dos debates e encontros em que, quando adversários no passado, Lula e Fernando Henrique Cardoso trocavam críticas, mas também se respeitavam.

Acentuar que concorrem neste segundo turno um candidato, segundo os petistas, com longo currículo, experiência administrativa e política, além de admiração internacional, contra outro candidato "sem méritos", que nunca ocupou um cargo executivo e cujo currículo se resume ao fato de ser filho do ex-presidente Jair Bolsonaro.

O PT pretende aumentar o tom nas críticas ao enriquecimento de Flávio Bolsonaro e de sua família, às suas ligações com Daniel Vorcaro e o Banco Master, assim com milicianos do Rio de Janeiro.

A reaproximação com o tucanato é uma estratégia pensada com efetividade entre setores do comando petista. O problema é saber da receptividade entre tucanos.

Foram anos a anos de polarização entre petistas e tucanos, especialmente no sul e no Sudeste do país, a alimentar o rancor de um lado e de outro, e o sentimento de antipetismo em uma parcela do tucanato.

Esse distanciamento se aprofundou com o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff e deixou marcas no PT, especialmente em Minas Gerais, onde o PSDB é controlado por Aécio Neves, considerado um inimigo figadal do PT e da ex-presidente.

Aécio agora é o presidente nacional do PSDB e foi candidato ao Senado com um mau desempenho nas urnas. Curiosamente, o ex-presidente do PSDB no estado, Domingos Sávio, que se tornou um bolsonarista ferrenho filiado ao PL, foi o primeiro colocado na eleição para senador.

Ou seja, Minas Gerais é considerado pelo PT como uma das maiores dificuldades no segundo turno. Eleito no primeiro turno para governador, Cleitinho (Republicanos) até teve um posicionamento moderado em relação à disputa presidencial. Mas, se encampar a candidatura de Flávio Bolsonaro no segundo turno, poderá ser arrasador para Lula.

A ideia é tentar diminuir essas arestas. Se não for possível em relação a setores do tucanato, pelo menos trabalhar a parcela dos comandos partidários de centro-direita e do eleitorado que já esteve mais simpática a Lula nas eleições de 2022. Cleitinho e seu partido, o Republicanos, são considerados muito importantes. Assim como o PSD de Gilberto Kassab e de Ronaldo Caiado.

Mas agora que Flávio Bolsonaro se tornou uma expectativa real de poder, tudo será mais difícil.

EDITORIAL

A contradição brasileira que resulta em fome

O Brasil produz alimentos em quantidade suficiente para alimentar sua população, mas ainda convive com uma contradição que não pode ser tratada como normal. Enquanto milhões de pessoas enfrentam algum grau de insegurança alimentar, uma parcela significativa do que é produzido termina desperdiçada. Estimativas citadas pelo programa Brasil Sem Desperdício apontam que cerca de 30% dos alimentos produzidos no país são perdidos. Ao mesmo tempo, 55 milhões de brasileiros vivem algum nível de insegurança alimentar.

A dimensão desse contraste revela que o problema não está simplesmente na ausência de comida. Existe uma dificuldade estrutural de fazer o alimento chegar a quem precisa. Produção, armazenamento, transporte, comercialização e consumo formam uma cadeia que ainda desperdiça recursos em diferentes etapas. Parte do que poderia alimentar famílias acaba descartada por falhas logísticas, padrões de comercialização, aparência dos produtos ou falta de mecanismos eficientes de aproveitamento.

É uma contradição que merece ser encarada também como um problema de organização. Não basta produzir mais se uma quantidade significativa do que já existe não chega à mesa. Aumentar a produção pode ser necessário em determinadas circunstâncias, mas reduzir perdas e desperdícios deveria estar entre as prioridades de qualquer estratégia séria de segurança alimentar.

Há ainda uma dimensão econômica. Cada alimento desperdiçado carrega consigo água, energia, trabalho, transporte, terra e outros recursos empregados para produzi-lo. Quando esse alimento termina no lixo, não se perde apenas o produto final. Perde-se também tudo o que foi necessário para que ele existisse. O Ministério da Agricultura reconhece que as perdas ocorrem em diferentes etapas da cadeia e aponta a necessidade de soluções tecnológicas, políticas públicas e ações de educação para enfrentar o problema.

Entre o alimento que sobra em um ponto da cadeia e a fome que persiste em outro existe uma distância que pode ser reduzida com organização, responsabilidade e políticas públicas. Em um país com tamanha capacidade de produção, fazer com que o alimento chegue à mesa de quem precisa deveria ser tão importante quanto garantir que ele seja produzido.

ARISTÓTELES DRUMMOND

Jornalista e escritor

O Doce Zuenir

Conheci Zuenir Ventura nos anos sessenta quando fui trabalhar no Banco Nacional com José Luiz Magalhães Lins, que foi o pioneiro no acolhimento e no confiar no universo cultural brasileiro. Fiquei com o encargo de receber e encaminhar pedidos vários que permitiram acolher jornalistas, escritores, cineastas, atores, editores.

José Luiz tinha especial atenção para aqueles que pudessem estar tendo dificuldades pelas mudanças no país. Não foi o caso de Zuenir, pois já era jornalista de prestígio e só veio a ser preso no AI-5.

Quando o conheci no banco, fui logo alvo de sua simpatia e generosidade. Afinal, ele era de oposição e eu adepto de 64, como até hoje. Muitas vezes se fazia acompanhar da encantadora mulher, Mary, também jornalista. Mais tarde convivi com eles por causa de José Aparecido de Oliveira, o inesquecível mineiro com quem, por décadas, o Brasil contou, sendo ele o mais agregador de seus políticos.

Zuenir era a prova da força do destino e do bem na formação das pessoas. Mineiro de Além Paraíba, na fronteira com o Rio de Janeiro, acompanhou o pai para Friburgo antes de vir para a capital trabalhar. Por acaso, cruzou com Carlos Lacerda na Tribuna da Imprensa e o que o levou ao jornalismo, decorrência de já ter texto e cultura à espera de uma oportunidade.

Passou com destaque pelas principais redações não apenas pela competência e correção, mas pelo acolhimento aos iniciantes dos quais se tornou protetor.

Mesmo vendo nele um democrata com pensamento à esquerda, sempre vi em Zuenir a figura humana afetuosa e generosa, superior, que nem o sucesso como jornalista e autor de relevância histórica reconhecido abalou.

Nosso meio seria melhor com menos patrulhamento, preconceito, embora se entenda que nem todos tenham educação ou formação compatível com o convívio democrático. Sofri poucas restrições ao longo de 60 anos de jornalismo, apesar de agora sofrer incompreensões por me negar a votar, se for o caso, no segundo turno num dos dois favoritos.

Zuenir deixou um grande legado. Um dos últimos moicanos....

OPINIÃO DO LEITOR

Eleições 2026

As eleições para 2026 já se aproximam, mas, em quem votar? Os verdadeiros líderes já morreram. Não me sinto desiludido com nossos políticos. Não sou iludido.

José Ribamar Pinheiro Filho, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: marceloperillier@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) ¦ **Paulo Bittencourt** (1929-1963) ¦ **Niomar Moniz Sodré Bittencourt** (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO
Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE
Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES
(21) 2042 2955 **Whatsapp:** (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO
Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ
CEP 22775-057

BRASÍLIA
ST SIBS Quadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF
CEP 71736-20

SÃO PAULO
Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13026-510

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal